



Lauro ajudou a construir a Brás

Do mutirão de 20 anos atrás até hoje, muita coisa mudou para melhor na Vila

■ ALINE BOF

Sem água, com as ruas de chão batido, sem escola e ônibus só na entrada da vila. Era assim a Brás quando Seu Lauro Osvaldo Vieira chegou há 20 anos.

Lauro morava no bairro Rio Branco e não tinha casa própria. Por meio de um projeto da prefeitura, conseguiu o sonhado terreninho na Vila Brás e não duvidou. Deixou tudo pra trás e foi erguer sua casa com as próprias mãos. Ele é da turma do mutirão que levantou muitas casas na Rua Leopoldo Wasun. “No final de semana, a gente vinha pra cá, um ajudava ao outro, mas chegou na hora de fazer

a minha e ninguém tinha tempo”, disse ele.

A falta de água não foi um problema. Ele resolveu cavando um poço na sua casa. Lauro acabou ajudando a vizinhança, que buscava água de balde enquanto o abastecimento não chegava.

Seu Lauro viu a Vila crescer. Lembra dos tempos violentos, quando escutar tiroteio era comum. Certa vez foi surpreendido com o assassinato do vizinho, bem na esquina da sua casa. Mas ele não se amedrontava. “Eu não dava nem bola, ficava dentro de casa.”

Além do trabalho, Lauro gosta também de dançar. Foi entre um passo de dança e outro, no salão do Gigante do Vale, que dona Carla entrou na sua vida. Ela morava em Novo Hamburgo e quando soube que o namorado vivia na Brás, balançou. “Quando



LAURO: duas décadas junto à comunidade e muitas histórias para contar

Foto ALINE BOF

falava da vila todo mundo me assustava; contei para minha filha que o Lauro morava aqui e ela ficou com medo.” Com o tempo, Carla foi conhecendo o bairro e, segundo ela, viu que a lugar é bom. Os dois

vivem juntos há dois anos.

Em 20 anos de Vila Brás seu Lauro criou o filho, que hoje mora no bairro Vila Nova e reconstruiu sua moradia. A casinha de madeira deu lugar aos tijolos. E diante

das propostas para vender a propriedade, Lauro se justifica: “Para mim tá bom aqui. A vizinhança é boa, o transporte também; desço na frente de casa. Então, não tem porque sair daqui.”

Olha a galinha, freguesia!

DANIELA MACHADO
JULIANA JEZIORNY
RODNEY SILVA

Todas as manhãs, Adilson Soares, 19 anos, exerce o ofício que aprendeu com o pai e o avô. Acorda cedo e busca cerca de cem galinhas no criadouro com sua carroça. Há cinco anos, ele garante o sustento da mulher e dos dois filhos vendendo galinhas pelas ruas da Brás e de outros bairros de São Leopoldo e Novo Hamburgo.

Entre o barulho dos

motores dos carros, motos e caminhões que circulam pela Vila é possível escutar, bem ao fundo, o lento trote de um cavalo. É Adilson chegando com suas galinhas. É só anunciar no auto-falante improvisado que a freguesia logo aparece. A frase é sempre a mesma: “Olha a galinha, olha a galinha!” E funciona sempre: nos finais de semana, chega a vender 120 animais.

Colorado, este jovem é apaixonado por sua profissão. “Mesmo se pudesse escolher, não trocava este trabalho por outro.” Adilson estudou somente até a 4ª série, mas reconhece a importância de uma formação. “Quero dar um futuro melhor aos meus filhos.”



Foto JULIANA JEZIORNY

ADILSON: ganha a vida vendendo frangos em uma carroça

Sara virou nome de sorveteria

■ ANDRESSA XAVIER

A nova placa da sorveteria Oliveira, na Leopoldo Wasun, é motivo de orgulho para a pequena Sara. Caçula dos cinco filhos de dona Bernardina e do seu Adão de Oliveira, moradores da Vila há mais de 20 anos, a menina de 7 tem seu nome na frente do prédio onde funciona o comércio da família. “Fizemos uma placa nova e o pai colocou o nome dela. Pronto: virou a sorveteria da Sara”, diverte-se a mãe.

A manhã de sol e calor animava os clientes enquanto Sara brincava



Foto ANDRESSA XAVIER

PREDILETO: a filha de dona Bernardina adora sabor morango

em casa, no segundo andar, com as sobrinhas, ainda de pijama. Ao saber que a equipe do Enfoque esperava por ela, trocou de roupa e arrumou os cabelos rapidamente. Tímida, a aluna da primeira série

disse que não lembrava o nome do colégio em que estuda, ao lado de sua casa. Mas, ao falar dos sorvetes, logo apontou o preferido: “Morango”.

Apesar de ser “a dona da sorveteria”, Sara contou que não atende aos clientes, apenas experimenta. Quem produz os sorvetes e os vende são seus pais. “É que tenho aula”, explica.

SE LIGA! Quer fazer uma chave na hora?

Vá até a casa do Seu Schneider, onde funciona a Casa de chaves Schneider. Agente de saúde aposentado, Seu Ivo trabalha com chaves há um ano para ajudar na renda da família. A casa funciona das 8 às 19 horas, na Rua

nº 15. Além de fazer cópia, Ivo faz serviços de abertura de casas, carros e venda de fechaduras e cadeados. É só chegar lá e bater na porta, que Seu Schneider atende a qualquer hora do dia e também, para quem precisar, à noite.



Produzido por LETÍCIA CARDOSO